



AO LADO DO PREFEITO da Cidade do México, Oscar Espinosa, e de sua mulher, Fernando Henrique e dona Ruth Cardoso aplaudem um espetáculo de dança folclórica apresentado em sua homenagem no pátio da Prefeitura

# FH ataca as elites e o Congresso

Presidente teve que explicar a mexicanos a falta de ministros da área econômica na comitiva

Nelson Torreão  
Enviado Especial • CIDADE DO MÉXICO

O presidente Fernando Henrique Cardoso, no último dia de sua visita ao México, disparou críticas a diferentes segmentos da sociedade brasileira. Em conversa informal com parlamentares mexicanos, condenou a Câmara dos Deputados, que segundo ele defende interesses de grupos e não valores. Em aula ministrada no Colégio do México, criticou a insensibilidade das elites e o corporativismo de segmentos dos trabalhadores ligados a empresas estatais.

— Na Câmara brasileira, o que une não são valores, são os interesses. Há um bloco de agricultores, um bloco de produtores de açúcar... Os parlamentares não podem se transformar em lobistas. Isso é perigoso. O lobby quem deve fazer são os outros, fora do parlamento. Com isso, a Câmara perde a sua função e os partidos se fragilizam — disse aos parlamentares mexicanos, na presença de políticos brasileiros como os deputados Yeda Crusius (PSDB-RS) e Gonzaga Motta (PMDB-RN) e o senador Levy Dias (PPR-MS).

Depois de criticar a Câmara, o presidente ressaltou que no Brasil a defesa de interesses é fruto de um momento histórico, que será substituído pela prevalência dos valores. Já a insensibilidade das elites e o corporativismo estatal, segundo ele, estão associados à globalização da economia, processo que ele analisou numa densa conferência para uma platéia de intelectuais, alguns dos quais ex-alunos seus, durante aula magna proferida no Colégio do México, um dos mais importantes centros de estudos sociais da América Latina.

“Independentemente da democratização do capital, e até por sua causa, a mecânica da reprodução das elites se robusteceu. Mas, ao mesmo tempo, as elites passam a se fechar na defesa de seus interesses mais particulares e mesquinhos, o que ameaça não apenas a idéia de democracia, mas também o próprio conceito de nação. Essa irresponsabilidade das elites gera uma exacerbação do individualismo e uma cultura do conflito que não pode sustentar-se”, disse Fernando durante a conferência, conforme texto distribuído pelo Planalto. Ele também fez um apelo pela ética e pela redefinição dos valores nacionais, em favor da luta contra a desigualdade. E defendeu a redefinição do papel do Estado, frente à fragmentação do trabalho e do capital provocadas pela globalização: “Queiram ou não os defensores das ideologias neoliberais, o Estado ainda é uma referência obrigatória como instrumento para organizar as transformações e disso o político contemporâneo não pode e não deve abrir mão”.

**Ônibus da comitiva fica retido em manifestação**  
Perto do Colégio do México, o ônibus da comitiva presidencial teve seu acesso impedido por uma manifestação de funcionários da Secretaria do Meio Ambiente mexicana que reivindicavam a



COM O ÔNIBUS da comitiva retido na rua por uma manifestação, o presidente segue a pé até o Colégio do México

legalização de seu sindicato. Fernando Henrique, acompanhado de seu antecessor Itamar Franco — que se encontra em visita ao México — teve que percorrer 150 metros a pé. Ao abrir sua exposição, o presidente comentou que pensara que a manifestação fosse uma recepção a ele. Alguns manifestantes, porém, sequer sabiam de sua presença. Fernando Henrique começou sua aula descre-

endo as transformações que levaram à superação de teorias que buscavam explicar a dinâmica das relações entre o capital e o trabalho, tanto o marxismo quanto o liberalismo clássico. Em relação ao capital, apontou, de início, a pulverização de sua propriedade, citando como exemplo os fundos de pensão: “Como falar hoje, com nitidez, de exploração do capitalista, de realização da mais-valia,

no sentido clássico do marxismo, se uma parcela importante dos trabalhadores começa a se tornar sócia do capital?”.

Com relação ao trabalho, o presidente disse que os avanços tecnológicos provocaram uma diferenciação entre os trabalhadores: o trabalho qualificado e criativo, de um lado, e o não especializado, de outro. O problema, para Fernando Henrique, surge quando a ascensão de setores específicos dos trabalhadores cristaliza-se em vantagens desiguais, fruto mais da habilidade política do que de avanços na produção: “Isso ocorre, sobretudo, em certos setores do Estado e leva a que, em alguns países, a esquerda tradicional seja utilizada por esses grupos para a defesa de bandeiras paradoxalmente conservadoras, no sentido de manutenção de situações de privilégios”.

### Interesse comercial surpreende Governo

Surpreendido com o interesse dos mexicanos em fechar um acordo de livre comércio com o Brasil, Fernando Henrique teve de explicar a ausência de ministros da área econômica na sua comitiva — que incluiu apenas o chanceler Luiz Felipe Lampreia e o ministro da Cultura, Francisco Weffort. O presidente afirmou, no café da manhã com membros do Conselho Empresarial Mexicano para Assuntos Internacionais (Cemai), que a ausência não se deveu à falta de interesse do Brasil no fortalecimento das relações comerciais com o México:

— O ponto fundamental para que os povos se aproximem é a vontade política, e essa vontade se complementa quando há uma presença cultural, para sinalizar que há algo mais que a pura decisão em nível de governo. Há um encontro de corações, que se expressam em nível cultural — disse ele.

Na ausência das autoridades econômicas, o presidente não se fez de rogado. Assegurou aos jornalistas que a balança comercial (exportações e importações) vai ser superavitária neste ano, sem a necessidade de qualquer desvalorização do real. O México desvalorizou o peso em 50% ano passado para inibir importações, atrair capitais externos e estimular as exportações.

Fernando Henrique explicou que, desde a implantação do Mercosul, todos os acordos comerciais brasileiros têm de ser submetidos aos três parceiros do Mercado Comum (Argentina, Paraguai e Uruguai). Disse que até março espera concluir um acordo de livre comércio com o Chile e que a proposta mexicana constitui uma novidade que precisa ser ainda analisada, pois o México já tem um acordo de livre comércio com os EUA e o Canadá. Na agenda está prevista a assinatura de um acordo entre Fernando Henrique e o presidente mexicano, Ernesto Zedillo, que insistiu várias vezes em fechar com o Brasil uma “aliança estratégica”.

Fernando Henrique embarcaria de volta para o Brasil à noite, com escala em Manaus, depois de uma recepção à comunidade brasileira no México, na embaixada do Brasil. ■